

FILMES HEROICOS: CONVITE A LUTAS REAIS OU MERA SATISFAÇÃO SIMBÓLICA? (REFLEXÕES EM TORNO DE BLACK PANTHER / WAKANDA)

Ralf Rickli *
Fevereiro 2018 - junho 2020

1.....	1
2. PRIMEIRA ARMADILHA: A SATISFAÇÃO SIMBÓLICA	2
3. O REAL MAS INSUFICIENTE VALOR DA IDEALIZAÇÃO	2
4. SEGUNDA ARMADILHA: A IN-SATISFAÇÃO SIMBÓLICA E O VICARISMO	3
5. A LUTA REAL E SEUS DESAFIOS	4
6. FNB: UM EXEMPLO A RESGATAR	6
7. MAS O QUE FAZER SEM O VIBRANIUM?	7

1.

Sou mais um dos que saíram encantados do filme **Black Panther**,

... e *não* pensem, levados pelo título desta nota, que vou dizer “mas que pena que é tudo fantasia”, especialmente sobre o lado futurista do filme: conhecendo os pontos altos de civilizações como as do Málí, Kush, Etiópia, do mundo suahíli, não é descabido pensar que poderia, sim, haver hoje uma África tecnologicamente comparável a, digamos, a Coreia - aproveitando que o próprio filme coloca em paralelo imagens urbanas de Wakanda e de Seul.

Isso, caso a humanidade tivesse tido um desenvolvimento colaborativo entre os povos de todos os continentes, em lugar da rapinagem sistemática de todo o planeta promovida desde o início do século XV por povos brancos indo-europeus e semitas, tanto separados quanto juntos - rapinagem que afetou de modo especialmente grave a África, talvez simplesmente por ser a vizinha mais próxima desses brancos.

O que quero aqui é aproveitar o embalo do filme para refletir sobre dois efeitos contrários que as sagas heroicas podem ter na vida dos segmentos oprimidos da humanidade em geral, não só das populações negras - sem esquecer que os segmentos oprimidos constituem *quase a totalidade* da humanidade.

Tudo o que vou dizer a seguir se refere, portanto, não apenas à causa negra mas a uma questão humana geral: o embate entre o modelo-cooperação e o modelo-dominação de organização da sociedade - mesmo que por simplicidade eu me atenha sempre ao exemplo Black Panther / Wakanda, sem recorrer a outros possíveis.

2. PRIMEIRA ARMADILHA: A SATISFAÇÃO SIMBÓLICA

Será que filmes como Black Panther podem mesmo contribuir nas lutas dos hoje oprimidos?

Acho que podem sim, *se houver quem extraia deles alguns efeitos não tão espontâneos.*

Pois, sem querer ser chato, o mero fato de ser uma megaprodução com financiamento capitalista significa que existe por trás, em algum nível da cadeia de produção, a expectativa de que o filme ajude a *desarmar* as lutas reais. Os filmes com pura intenção revolucionária costumam ser suadas produções independentes, ou apoiados por fundações sem vínculos com empresas com fins de lucro.

E como é que o filme ajudaria a desarmar as lutas reais?

Oferecendo algo muito mais poderoso do que se costuma imaginar: satisfação no nível simbólico, ou imaginário.

Quando qualquer relato de ficção (oral, escrito ou visual) nos mostra um vilão sendo achincalhado ou punido, seja de modo intencional ou por acidente, nosso senso de justiça é agrado, nossa mente sente uma espécie de satisfação moral mesclada às demais sensações estéticas provocadas pelo relato.

Reparem que a sensação causada por essas *representações* de punições é *mais agradável* que no caso de uma punição real diante dos nossos olhos - pois as punições reais não costumam ser esteticamente elaboradas, além de que presenciar na real a dor de qualquer outro ser humano, mesmo um vilão, também ativa em nós um viés de empatia (“e se fosse eu no lugar?”), a não ser nos psicopatas.

E a maior parte das pessoas se deixa dirigir integralmente pelas sensações imediatas de agrado e desagrado, sem maiores esforços de análise do que pode estar por trás.

Por outro lado, dificilmente alguém parte para a luta sem ter chegado antes a um estado de intensa indignação -

... mas numa sociedade em que a maior parte das impressões não chega diretamente da realidade, e sim mediada pelas mídias, são escassas as pessoas que mantêm a consciência suficientemente conectada com a realidade para atingirem o nível necessário de indignação (fato que, diga-se de passagem, também é consequência de a educação ocidental ser hoje quase totalmente mediada, desinteressada de abrir os olhos dos estudantes para a observação fenomenológica direta).

Em resumo: no comum das pessoas, o potencial de indignação é suficientemente neutralizado por meio dessas meras representações fictícias de justiça (“suficientemente” do ponto de vista dos opressores, é claro).

3. O REAL MAS INSUFICIENTE VALOR DA IDEALIZAÇÃO

Wakanda, o país e a cidade imaginários de Black Panther, é linda. Mais que linda, é maravilhosa em inúmeros sentidos. Deixa aquela vontade louca de que fosse de verdade.

E essa é a função dos *ideais*: pôr a gente em movimento. Nos incitam a caminhar na direção de sua realização. Como um horizonte: nunca chegaremos precisamente lá - mas na tentativa terminamos realizando muita coisa real (com perdão da aparente redundância).

E não se trata apenas de um rumo genérico a seguir (como “siga no rumo norte”): uma obra como esta fornece todo um imaginário, uma simbologia: um conjunto de imagens que formam *uma linguagem simbólica comum que serve de elo entre as pessoas que se propõem a ir atrás desse ideal* - como entre as pessoas que fazem peregrinações concretas a lugares como Meca ou Santiago de Compostela.

Quer dizer: o imaginário de Black Panther pode mesmo servir de elemento inspirador e aglutinador para movimentos sérios, que pretendam atuar na vida real - ainda mais por remeterem também ao que foi possivelmente o mais importante movimento negro organizado fora da África no século XX, o Black Panther Party nos EUA.

Seria ilusão, no entanto, achar que o imaginário do filme sirva ao nosso momento histórico sem problematizações: para dar só um exemplo, Wakanda é uma monarquia hereditária, onde o poder pode ser disputado com base na habilidade individual de luta física dos aspirantes ao trono. Não vamos nos aprofundar nesses complicantes no momento, mas sem dúvida eles precisam ser refletidos com seriedade por quem quer que pretenda usar esse imaginário como referência para as lutas reais da atualidade.

4. SEGUNDA ARMADILHA: A IN-SATISFAÇÃO SIMBÓLICA E O VICARISMO

Levada a sério, a expressão “lutas reais da atualidade” deveria nos assustar: quem está preparado? Quem tem um mínimo de consenso sobre como?

Aqui, mais uma vez, a luta real pode ser neutralizada pelo apelo do imaginário, na forma do “clássico” culto aos heróis: “Ah, se tivéssemos um T’Challa!”. Ou uma Shuri, uma Okoye, uma Nakia, uma rainha Ramonda... (só para ver que as mulheres são de fato o lado mais marcante do filme).

Esta armadilha é séria porque não se refere só ao mundo da ficção: refere-se sobretudo a personagens históricos reais que são sem dúvida dignos de admiração, mas terminam sendo sobre-humanizados imaginariamente como uma forma de desresponsabilização: “ah, se ao menos tivéssemos aqui e agora um Malcolm X!”, ou um Mandela, um Martin Luther King, um Zumbi... - a mesma coisa que outros fazem dizendo “isso só quando Jesus voltar!”

“Vicarius” significa “o que faz uma coisa em lugar do outro”; na teologia cristã se fala do “sacrifício vicário de Cristo”, sacrifício no lugar dos outros. As lutas atuais não se organizam e não deslancham porque supostamente falta alguém competente como supostamente havia no passado, e... “ah, se eles estivessem aqui para fazer isso no nosso lugar!”

É preciso admitir que não é à toa que ficamos suspirando por alguém que soubesse orientar as lutas dos oprimidos: nós simplesmente não sabemos; não sabemos *mesmo!* Os opressores não são bobos, e vêm atuando há muitas décadas, ou mesmo *séculos*, e de muitos modos (sendo possivelmente a comunicação social o mais eficiente deles) para evitar o desenvolvimento de novas lideranças - bem como para tornar a sociedade praticamente inatacável de tão complexa.

Ainda assim, temos que admitir que cabe *a nós mesmos* inventar as formas de luta adequadas a esta época, provavelmente a mais complexa da história da humanidade: não vamos encontrar a receita pronta num filme de ficção, nem em nenhum evento do passado... e nenhum desses heróis irá voltar para nos salvar.

Em outras palavras: somos nós mesmos que somos desafiados a nos tornarmos heróis... e quem acha que não tem vocação para isso, faria melhor em parar de criticar e reclamar. Talvez não haja nada mais prejudicial ao revolucionamento do mundo que essas vastas torcidas que querem ver a revolução acontecer desde que com o sangue dos outros.

Seja sangue no sentido real, seja no simbólico: esforço, dedicação, sacrifício.

5. A LUTA REAL E SEUS DESAFIOS

Se é verdade que não faz sentido ficarmos esperando pelo surgimento de heróis sem nos dispormos a sermo-los (juro que nunca escrevi essa forma verbal antes, gente!), surge a pergunta: *como se faz um herói?*

Essa parte geralmente não aparece nos filmes: o Rei T'Challa é um tremendo lutador, e o destino de seu povo depende disso; mas ele nasceu sabendo lutar? É instintivo, herança biológica?

Certamente que não! Tal capacidade só pode ser resultado de anos e anos de aprendizado - e a lutar não se aprende sem *disciplina*, e disciplina significa um período de *profunda humildade* - não como um fim em si, mas como caminho para um empoderamento concreto, real, não apenas como atitude mental.

Destaco que a necessidade do aprendizado de *luta* é um ponto que *me dói muito ter que admitir*: eu acredito de coração no ideal de vida dos bonobos, não no dos chimpanzés. Para quem não sabe, essas são as duas espécies animais geneticamente mais próximas dos humanos, e muito próximas entre si, mas têm um comportamento notavelmente diferente: os chimpanzés são machistas e hierárquicos, com chefias que se impõe pela violência. Os bonobos, alegres, vivem cooperando e festejando, fazendo sexo todo mundo com todo mundo; quando surge alguma tensão que parece se encaminhar para a briga, os sujeitos se encaram... e acabam resolvendo tudo em mais uma boa trepada. Em resumo: são anárquicos.

No entanto se o Rio Congo não os tivesse separado e protegido dos chimpanzés, é possível que a espécie dos bonobos não tivesse subsistido. É lindo viver em anarquia, sem ser sob nenhuma concentração de poder... mas não nos habilita a resistir quando chega alguém que acredita em concentração de poder e se especializou em exercê-la.

Neste momento (fevereiro de 2018) vemos mais uma vez o exército brasileiro em confronto com o povo a quem devia servir - e tudo que conseguimos fazer é maldizer a concepção de vida militar.

Mas nos filmes de heróis não é assim... Os heróis representam legitimamente o seu povo mas lutam contra os vilões nos mesmos territórios que eles: seja na luta física armada ou desarmada, *seja na disputa tecnológica (como a Shuri do filme)* - mas não meramente escrevendo artigos, notas de repúdio ou teses de denúncia.

Como capacitar-se para fazer frente à violência dos chimpanzés?

Vejamos a palavra de ordem escrita no pórtico da Escola Superior de formação de oficiais dos chimp..., quero dizer, do exército brasileiro: "Ides comandar; aprendei a obedecer". Soa incômodo, mas não poderia ser de outro modo: o poder depende de que uma quantidade de pessoas se disponha a agir coordenadamente de acordo com uma estratégia (palavra derivada do grego "strátegus" = general). Nesse tipo de ação (assim como numa orquestra, ou num corpo de baile), a liberdade individual tem que ser limitada, pelo menos durante a ação.

E ninguém jamais conseguirá comandar eficientemente sem ter experimentado estar na posição de comandado. Esse é sentido da palavra “disciplina” (derivada de “discípulo” = aquele que está sendo ensinado).

Em outras palavras: trata-se de *empoderar-se* mediante a incorporação, em si, de um *sistema de produção de poder* desenvolvido ao longo de milênios... mas essa incorporação não se dá sem um investimento inicial de humildade - a tal da disciplina.

E temos que admitir que a tal da disciplina não tem sido um ponto forte na cultura brasileira - talvez até porque entre nós a palavra costume ser invocada justamente por pessoas que não têm nenhuma legitimidade para fazê-lo, e para fins de opressão, não de empoderamento.

Quanto às tentativas legítimas (pois empreendidas pelo bem da sociedade como um todo, não de uma minoria opositora), elas sem dúvida existiram entre nós, mas tenho a impressão de que sempre foram dispersas, nunca suficientemente estruturadas, e de pouco resultado, se algum. A última delas (até onde tenho conhecimento) foi a tentativa de oposição armada ao governo golpista, nas décadas de 60 e 70, constituída creio que majoritariamente por estudantes universitários (como Dilma Rousseff) que receberam alguma medida de instrução de tipo militar através ou de ex-militares como Carlos Lamarca ou de outras estruturas herdeiras das revoluções anteriores do século XX - mas isso tudo foi de longe insuficiente para resistir.

Nós que éramos adolescentes na época crescemos desacreditados das possibilidades de luta armada, e embarcamos mais no embalo do “flower power” surgido na resistência da juventude estadunidense à convocação para a guerra no Vietnã (ver o musical *Hair*). Apostamos na criação de uma sociedade não violenta na forma de uma contracultura, que (acreditávamos) conquistaria aos poucos os corações e mentes da humanidade para o modelo bonobo (“make love, not war!”). Até uma altura parecia que estava dando certo... mas nossa segunda década do século XXI está vendo praticamente todos os nossos esforços pacíficos sendo triturados pelos chimpanzés.

Entre outras coisas, apostamos numa educação libertadora... muitas vezes bem mal entendida: deixar os educandos totalmente livres desde o início não os capacita a defenderem ou a reconquistarem a liberdade mais à frente, se necessário for. Hoje temos uma vasta geração “empoderada” para resistir a qualquer tentativa de mais método ou disciplina nas suas formações... mas incapaz de defender a própria pele ou a do colega ao lado quando chegam os ataques do fascismo, institucionalizado ou não.

Onde alguma escola de formação para a resistência e luta além do plano simbólico, na realidade brasileira?

Algum sistema de iniciação de origem popular? Nesse sentido existem as iniciações religiosas afro-brasileiras, mas estas não parecem responder às necessidades do momento, sobretudo por envolverem apelo ao metafísico, a uma ordem de existência supostamente sobre-humana, o que termina sendo sempre um caminho de transferência da responsabilidade (p.ex., “quem me defende é Ogun”, não sou eu quem desenvolvi a capacidade de me defender).

O mundo da capoeira já parece bem mais adequado para semelhante tarefa - só não sei se na atualidade é suficientemente estruturado e suficientemente complexo para as funções em questão, ou se aceitaria reverter dos objetivos praticamente esportivos que assumiu para ser aceito, para se tornar novamente

(e inevitavelmente em novas formas) suficientemente estruturado e complexo como organização de luta.

Lamentavelmente, parece que hoje em dia o único caminho de aprendizado de hierarquia e disciplina ao alcance do povo brasileiro é o crime organizado: os famigerados PCC, Comando Vermelho e outros mais - o que talvez as hierarquias do poder constituído já tenham percebido, daí suas decisões no sentido da ocupação militar nos morros do Rio de Janeiro: uma disputa entre dois poderes ilegítimos, mais um exemplo da disciplina usada para fins de opressão (pois obviamente não estou sugerindo que as organizações do crime sejam o caminho para o desenvolvimento da capacidade de resistência e luta do povo!)

O que quero dizer então?

Quero dizer que de momento estamos mesmo no mato sem cachorro.

E que continuaremos no mato sem cachorro indefinidamente se não nos dispusermos a aceitar que precisamos desenvolver algum caminho de formação para o povo que contenha alguma medida e forma adequadas de disciplina e hierarquia, como forma de acumulação de poder suficiente para resistir e conquistar novas posições.

Também nem tenho certeza de que esse caminho tenha que passar pela luta física tradicional: talvez a figura mais decisiva para a vitória do bem em Black Panther seja Shuri, a irmãzinha meta-nerd do rei, com sua maestria high-tech - mas também ela tem que ter se dedicado com muito afinco ao seu aprendizado, jamais se satisfazendo com um nível meia-boca, de meras intenções.

O que não muda é que precisamos assumir como objetivo a *excelência* no que fazemos - e ir bem além do atual culto da liberdade individual absoluta, onde cada um faz o que quer, do jeito que quer, a hora que quer - se não quisermos ver-nos todos reduzidos a escravos da ditadura neoliberal mundial e a sacos de pancada do seu fascismo, dentro de bem pouco tempo. [Obs.: escrito em fevereiro de 2018]

Isso tudo sem nunca esquecer o último desafio: o perigo embutido na própria vitória - pois se é fato que não há como resistir a sistemas hierárquicos/autoritários sem considerável medida de hierarquia e autoritarismo também da nossa parte, como iremos impedir que isso se torne mais tarde apenas um novo sistema de opressão, ainda mais cruel pois criados por nós mesmos na nossa ânsia de libertação?

O que não devemos é nos iludir de que esse tipo de questão possa ser resolvida de uma vez por todas. A humanidade tem atrás de si uma longuíssima história de violência, brutalidade e opressão. O desafio da *viabilização da humanidade com justiça* terá de ser enfrentado de modo contínuo ainda por muitas e muitas gerações. Nosso momento é extraordinariamente difícil, mas ainda assim temos uma escolha: sermos um elo nessa corrente de gerações, ou sermos uma geração omissa, que termina deixando que o legado das gerações anteriores se perca e que o jogo volte à estaca zero, ou quase isso.

6. FNB: UM EXEMPLO A RESGATAR

Só em 2020, dois anos depois de escrito o texto acima, é que fiquei sabendo da **FNB - Frente Negra Brasileira**, criada em 1931 - portanto muito anterior à organização do movimento negro nos EUA, que chegou a mencioná-la honrosamente como inspiração.

Pois bem: como me informou o amigo Paulo Carvalho, entre suas diversas ações concretas a FNB contava com... “grupo de defesa com rígida disciplina militar”! (Lembremos que os Black Panthers estadunidenses só surgiram por volta de 1960).

A FNB também organizou seu próprio partido político para fins eleitorais (que terminou sendo extinto pelo Estado Novo, em 1937, juntamente com os demais partidos da época). Tenho a impressão de que pode valer a pena refletir sobre a diferença entre isso (um movimento centrado na causa negra criar seu partido) e diferentes partidos dedicados a múltiplas causas criarem suas frentes de atuação na causa negra - pois não termina parecendo contraditório quando essas frentes dependentes de *partidos* pretendem se apresentar como *unificadoras*?

Enfim: ao que tudo indica, o estudo da história da FNB pode ser um contribuição preciosa no momento atual e no futuro!

7. MAS O QUE FAZER SEM O VIBRANIUM?

O vibranium! Toda magia de Wakanda depende dessa substância passível de ser moldada pelo próprio pensamento, na forma que se desejar.

Mas, se isso é uma mera peça de fantasia, que utilidade os valores e ideais de Wakanda podem ter dentro da nossa realidade? Que tristeza, que isso tenha que permanecer na qualidade de sonho para sempre...

A menos que...

Tenho uma hipótese: o vibranium pode ser entendido como *uma metáfora da consciência caracteristicamente humana*, capaz de refletir, simbolizar e efetivamente moldar o mundo a seu jeito. Um símbolo da própria humanidade da espécie humana - a qual, hoje não se tem dúvidas, surgiu no mundo *lá*: no coração da África.

* Ralf Rickli, 63 anos, brasileiro branco, se empenha há mais de três décadas no sentido de honrar sua ancestralidade negra, representada especialmente pela trisavó Floriana Rosa do Espírito Santo, nascida escrava em Paranaguá (PR) em 1837, depois mulher dona de si e referência comunitária - mas também pelas tantas outras estrelas negras, distribuídas por outros ramos familiares, cujos nomes não é mais possível resgatar.